



O PÁSSARO AZUL E AS 29 UVAS GELADAS DE CHARLES BUKOWSKI A PARTIR DO EXISTENCIALISMO EM JEAN PAUL SARTRE

Perola Ovelar Maciel,

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV),
Ovelar.maciел@ufms.br

Telma Romilda Duarte Vaz,

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV),
Telma.vaz@ufms.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os poemas Pássaro Azul (Bluebird) (1992) e 29 Uvas Geladas (Bukowski, 2019), de Charles Bukowski (1920–1994), à luz da filosofia existencialista desenvolvida por Jean-Paul Sartre (1905–1980). A proposta central é refletir sobre como a experiência poética revela aspectos fundamentais do pensamento sartreano, como a liberdade, a angústia, má-fé e a responsabilidade. A pesquisa fundamenta-se em abordagem qualitativa e no método fenomenológico, orientado pela compreensão da experiência subjetiva expressa nos textos poéticos. A análise parte do pressuposto de que a poesia de Bukowski, ao abordar o cotidiano, o sofrimento, a marginalidade e o desencanto, oferece uma via de acesso à reflexão existencial. Através da leitura fenomenológica, buscamos interpretar os sentidos da existência nas obras selecionadas, valorizando a subjetividade como forma de aproximação com os dilemas da condição humana. A atualidade dos poemas, especialmente quando confrontada com as exigências de performance e visibilidade do mundo atual, reforça a pertinência de uma leitura filosófica existencialista da obra de Bukowski.

Palavras-chave: Existencialismo; Charles Bukowski; Alienação; Condição Humana.



ABSTRACT

This study aims to analyze the poems *Bluebird* (1992) and *29 Frozen Grapes* (1994), by Charles Bukowski (1920–1994), in the light of the existentialist philosophy developed by Jean-Paul Sartre (1905–1980). The central proposal is to reflect on how the poetic experience reveals fundamental aspects of Sartrean thought, such as freedom, anguish, bad faith, and responsibility. The research is based on a qualitative approach and the phenomenological method, guided by the understanding of the subjective experience expressed in poetic texts. The analysis assumes that Bukowski's poetry, in addressing daily life, suffering, marginality, and disenchantment, offers a path to existential reflection. Through phenomenological reading, we seek to interpret the meanings of existence in the selected works, valuing subjectivity as a way of approaching the dilemmas of the human condition. The relevance of the poems today, especially when confronted with the demands of performance and visibility in the current world, reinforces the pertinence of an existentialist philosophical reading of Bukowski's work.

Keywords: Existentialism; Charles Bukowski; Alienation; The Human Condition.

1 INTRODUÇÃO

Charles Bukowski (1920–1994) é considerado uma das vozes mais singulares da literatura norte-americana do século XX. Com um estilo direto, cru e marcado pela recusa às convenções formais do meio literário tradicional, sua produção tornou-se símbolo da chamada literatura marginal. Vivendo à margem da sociedade, Bukowski tematizou, em poemas, contos e romances, o cotidiano banal, o fracasso, a solidão e o tédio existencial, sempre com uma linguagem marcada pela honestidade brutal. Segundo Baldin e Ferreira (2024, p. 1), “dentre toda sua produção, as obras de poesia e contos formam um conjunto esmagador quando comparado aos romances por ele produzidos, sendo estes apenas seis obras”.

Jean-Paul Sartre (1905–1980), por sua vez, foi um dos principais filósofos do século XX e o maior expoente do existencialismo. Influenciado por Edmund Husserl, Martin Heidegger e Max Scheler, Sartre desenvolveu uma ontologia própria, apresentada em sua obra fundamental *O ser e o nada* (1943), na qual a consciência é concebida como negatividade,



projeto e liberdade. Em textos como *O existencialismo é um humanismo* (1946), o autor populariza a máxima segundo a qual “a existência precede a essência”, ou seja, o ser humano não nasce com uma natureza ou finalidade predeterminada, mas constrói a si mesmo por meio de suas escolhas e ações.

O objetivo deste estudo é refletir sobre como a experiência poética na obra de Charles Bukowski revela aspectos centrais do pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre, especialmente os conceitos de liberdade, má-fé, angústia e responsabilidade. Para isso, propomos uma análise filosófica de dois poemas: *Bluebird* (1992), presente na coletânea *Love is a Dog from Hell* (publicada no Brasil como *O amor é um cão dos diabos*), e *29 Uvas Geladas* (1992), integrante da obra *The Last Night of the Earth Poems*. Ambos os textos expressam sentimentos de angústia, desesperança e a constante busca por sentido diante da banalidade e do absurdo do cotidiano. Essas manifestações poéticas, ao traduzirem em linguagem literária tensões existenciais profundas, dialogam de modo potente com as categorias fundamentais da filosofia sartreana.

De acordo com Araújo (2024), Bukowski demonstrava fascínio pela filosofia existencialista e, particularmente, pelas ideias de Sartre. Ainda que não haja comprovação de um vínculo direto entre os dois, há registros de que Bukowski foi influenciado por obras como *A Náusea*. “Há uma lenda que diz que, certa vez, Sartre afirmou que Bukowski era “o ‘maior poeta americano vivo’, mas esse mito é considerado uma invenção do próprio Buk” (Araújo, 2024, s/p).

A teoria existencialista, embora tenha se consolidado no século XX, possui raízes no século XIX, com autores como Søren Kierkegaard (1813–1855) e Friedrich Nietzsche (1844–1900). Em termos gerais, o existencialismo enfatiza que a existência humana é marcada pela liberdade, pela angústia e pela necessidade de produzir sentido em um mundo desprovido de essência. Como define Sartre (2013), o ser humano está “condenado a ser livre”, pois não pode deixar de escolher – mesmo a recusa ou a passividade constituem formas de escolha.

Essa liberdade radical, contudo, é acompanhada pela angústia, que decorre da responsabilidade sobre os próprios atos em um mundo sem garantias transcendentais. O sentimento de absurdo, descrito por Sartre e por autores como Albert Camus, expressa a tensão entre o anseio humano por sentido e o silêncio indiferente do mundo. A alienação, nesse contexto, refere-se ao estranhamento diante da vida cotidiana, da sociedade e de si mesmo,



marcando a experiência do sujeito no mundo moderno.

A escolha de Sartre como referencial teórico justifica-se pela afinidade entre sua filosofia e a estética de Bukowski, que, ao dar voz ao sujeito marginalizado, reflete sobre as contradições da existência humana. A análise textual dos poemas busca identificar conceitos-chave do existencialismo sartriano, como má-fé, projeto, transcendência e liberdade, articulando-os à experiência poética.

Esperamos que esta investigação contribua para o aprofundamento das relações entre literatura e filosofia, promovendo um diálogo interdisciplinar que nos permita pensar criticamente a condição humana, especialmente em contextos de alienação, marginalidade e crise de sentido. A obra de Bukowski, lida à luz do existencialismo, oferece uma via importante para refletir sobre o que significa ser livre em um mundo marcado por contradições e incertezas.

2. SARTRE E BUKOWSKI: A RECUSA À ORDEM ESTABELECIDADA

Jean-Paul Sartre e Charles Bukowski, embora oriundos de contextos históricos, sociais e culturais distintos, compartilham em suas obras uma profunda inquietação diante da existência humana e uma recusa sistemática às estruturas institucionais que tentam impor sentido e ordem ao viver.

Sartre, conforme Pereira e Mello (2025), foi o primeiro filósofo a se identificar como existencialista, desenvolvendo sua obra no cenário conturbado do pós-guerra europeu, marcado por ruínas morais, sociais e políticas advindas da Segunda Guerra Mundial. Com o apoio intelectual e afetivo de Simone de Beauvoir, Sartre publicou, em 1938, seu primeiro romance filosófico, *A Náusea*, obra em que já se delineia a centralidade da liberdade e da angústia na condição humana. Além de romances, produziu peças de teatro, ensaios literários e tratados filosóficos, sendo *O Ser e o Nada* (1943) a principal sistematização de sua ontologia existencial.

Para Sartre, a liberdade constitui a essência do ser humano, confrontado com o absurdo da existência e com a necessidade inescapável de escolher, atribuir sentido e assumir responsabilidade por suas escolhas em um mundo desprovido de fundamentos metafísicos. Tal liberdade, entretanto, implica angústia, pois evidencia a impossibilidade de delegar a outrem as consequências das próprias ações. A tentativa de evitar essa responsabilidade existencial caracteriza o que o filósofo denomina “má-fé” (Silva, 2010).

Por sua vez, Charles Bukowski, conforme Andrade (2021), foi um escritor norte-



americano nascido na Alemanha, cuja obra literária se notabilizou por denunciar o lado obscuro do *American Way of Life*. Sua escrita confronta os valores hegemônicos do capitalismo industrial e financeiro, expondo a hipocrisia moral, a desigualdade social e o desencanto do sujeito diante das promessas não cumpridas da modernidade.

Inscrito na linhagem dos chamados “*poetas malditos*”, Bukowski cultivou uma estética marcada pela linguagem crua, a marginalidade, a solidão, o alcoolismo e a experiência do sofrimento como expressão da autenticidade existencial. Sua obra dá voz a personagens à margem da sociedade, que se confrontam com a dureza da sobrevivência cotidiana, propondo, com ironia e amargura, uma crítica radical ao conformismo e à normatividade cultural dos Estados Unidos no pós-guerra (Andrade, 2021).

Enquanto Sartre lança mão da linguagem filosófica para propor uma ontologia da liberdade e da responsabilidade, Bukowski opta pela poesia e pela narrativa autobiográfica como expressão de uma vivência bruta, tensionada entre a lucidez e o colapso. Ainda que por caminhos distintos, ambos os autores desvelam o absurdo da existência e apontam para a possibilidade de uma autenticidade construída no confronto com o nada. A aproximação entre os dois permite ler a poesia de Bukowski como um gesto existencialista: palavra encarnada que enfrenta a angústia e denuncia os mecanismos de evasão que alienam o sujeito de sua liberdade.

O existencialismo, enquanto corrente filosófica consolidada no século XX, tem como eixo a valorização da existência concreta, da liberdade como condição ontológica e da responsabilidade como imperativo ético. Suas raízes remontam ao século XIX, nas reflexões religiosas e existenciais de Søren Kierkegaard (1813–1855), que tratou da angústia, do desespero e do salto de fé como categorias fundamentais da subjetividade.

Em paralelo, Friedrich Nietzsche (1844–1900) criticou veementemente os fundamentos da moral cristã e da razão iluminista, proclamando a “morte de Deus” e exigindo do sujeito a criação de novos valores. Ainda que distantes do formalismo acadêmico, autores como Fiódor Dostoiévski, Franz Kafka e Miguel de Unamuno anteciparam muitas das angústias existencialistas, explorando, pela literatura, o absurdo, o sentimento trágico da vida e a tensão entre liberdade e culpa.

No campo filosófico, a fenomenologia de Edmund Husserl (1859–1938) representou uma inflexão decisiva ao priorizar a experiência vivida do sujeito como ponto de partida da reflexão. Esse enfoque influenciou Martin Heidegger (1889–1976), que, em *Ser e Tempo*



(1927), propôs uma ontologia existencial baseada na análise do *Dasein*, destacando a finitude, a angústia e a temporalidade como estruturas fundantes do ser humano (Carrasco, 2020; Penha, 2001).

A partir da década de 1930, o existencialismo consolidou-se na França com pensadores como Gabriel Marcel, Simone de Beauvoir, Albert Camus e, especialmente, Jean-Paul Sartre (1905–1980). Em obras como *A Náusea* (1938) e *O Ser e o Nada* (1943), Sartre constrói uma filosofia centrada na liberdade radical e na ausência de essência, defendendo que o ser humano é um projeto em constante construção, “condenado a ser livre” em um mundo desprovido de sentido prévio.

Sua análise da má-fé e da responsabilidade existencial configura uma crítica poderosa à alienação e ao conformismo. No pós-guerra, o existencialismo sartriano adquiriu ampla repercussão intelectual e política. Em *O Existencialismo é um Humanismo* (1946), Sartre argumenta que sua filosofia, longe de promover o niilismo, afirma a dignidade da existência ao reconhecer a liberdade como fundamento da condição humana. Simone de Beauvoir, em obras como *Por uma Moral da Ambiguidade* (1947) e *O Segundo Sexo* (1949), ampliou os horizontes do existencialismo ao abordar a opressão de gênero e a ética do engajamento, introduzindo a ambiguidade e a alteridade como categorias inelutáveis da existência (Pereira; Mello, 2025).

Desse modo, o existencialismo apresenta-se como uma filosofia da liberdade e da responsabilidade, que encontra, nas obras de Sartre e Bukowski, expressões complementares: uma, sistematizada e conceitual; outra, poética e visceral.

3. SARTRE: LIBERDADE, ANGÚSTIA, MÁ-FÉ E RESPONSABILIDADE

A filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre surge como uma resposta à crise dos fundamentos metafísicos e das verdades universais. Em um mundo em que “*Deus está morto*”, conforme proclamado por Nietzsche, o ser humano encontra-se projetado em sua liberdade radical, desprovido de uma essência pré-determinada que guie suas ações. Em *O Ser e o Nada* (1943), Sartre defende o princípio fundamental de que a existência precede a essência, ou seja, o ser humano não nasce com uma natureza ou finalidade dadas, mas deve construir-se por meio de suas escolhas e ações.

Silva (2025) diz que, para Sartre, a responsabilidade humana é inescapável, ainda que desprovida de qualquer fundamento último que a justifique. O ser humano encontra-se lançado no mundo, abandonado à sua liberdade e, por consequência, à responsabilidade que dela



decorre. Essa condição radical implica que a responsabilidade não repousa sobre nada fora do sujeito: ele é responsável inclusive por sua própria situação de desamparo. Nesse contexto, Sartre defende a ideia de uma responsabilidade absoluta e gratuita — o sujeito é responsável por tudo aquilo que é, exceto pela própria responsabilidade, já que não é o fundamento de seu ser. Ao escolher ser livre, o indivíduo inevitavelmente se condena a responder por todas as possibilidades que rejeitou ao fazer suas escolhas. Assim, segundo o filósofo, não há escapatória possível ao paradoxo entre liberdade e angústia; toda tentativa de fuga desse confronto existencial configura-se como expressão de má-fé.

Nesse sentido, como observa Penha (2001, p. 45):

O homem é antes de mais nada um projeto que vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou couve-flor. Nada existe anteriormente a esse projeto; nada há no céu inteligível, e o homem, diz Sartre, será antes de mais nada o que tiver projetado para ser. Se, no homem a existência precede a essência, ele será aquilo que fizer da sua vida, não havendo nada, além dele mesmo, de sua vontade, que determine seu destino.

A liberdade, portanto, não é uma faculdade dentre outras, mas a estrutura constitutiva do ser humano. O sujeito está "condenado a ser livre", pois, mesmo a ausência de escolha configura uma escolha. Contudo, essa liberdade não é leve ou meramente libertadora; ela implica uma responsabilidade absoluta, uma vez que cabe exclusivamente ao indivíduo decidir como viver e arcar com as consequências de suas escolhas, sem recorrer a justificativas transcendentais ou a normas fixas.

Sartre entende que essa condição de liberdade absoluta gera angústia, que não deve ser interpretada como mero mal-estar psicológico, mas como uma dimensão ontológica da existência. Ao confrontar a ausência de um roteiro prévio e a necessidade de autoconstrução em um mundo desprovido de garantias, o sujeito experimenta um sentimento de vazio e incerteza, que o impele a reconhecer sua total responsabilidade.

Esse reconhecimento provoca o desespero existencial, não como colapso, mas como a consciência da intransferibilidade da escolha e da ausência de auxílio externo. A angústia emerge, assim, da experiência da liberdade e da solidão ontológica do sujeito diante do mundo. Por fim, o existencialismo sartriano rejeita a ideia de uma essência humana universal e imutável, propondo, em contrapartida, a noção do ser como um vir-a-ser constante, uma abertura para o futuro que se realiza na subjetividade que se constitui historicamente e na interação com o outro.

No quadro 1 apresentamos uma síntese dos conceitos-chave da filosofia existencialista



sartreana conforme abordados nesse estudo. O quadro resume as noções de liberdade, má-fé, angústia e responsabilidade, elementos centrais para a análise da existência humana segundo Sartre.

Quadro 1 – Conceitos-chave do Existencialismo em Sartre

Conceito	Definição	Características	Implicações Existenciais
Liberdade	Condição ontológica do ser humano, que não possui uma essência prévia e precisa escolher a cada instante o que ser.	- Inerente à consciência- Não é opcional- Definidora da existência- Relação com o “projeto”	O sujeito é “condenado a ser livre” : é livre até para negar sua liberdade, mas sempre responsável por si.
Má-fé (mauvaise foi)	Forma de autoengano em que o sujeito nega sua liberdade e age como se estivesse determinado por essências externas.	- Fuga da liberdade- Alienação subjetiva- Autojustificações- Identificação com papéis sociais	Ao viver de forma inautêntica, o sujeito evita o peso da liberdade, mas se aliena de si e do seu projeto existencial.
Angústia	Sentimento existencial que emerge da percepção radical da liberdade e da ausência de garantias externas.	- Ontológica, não psicológica- Surge ao perceber que toda escolha é intransferível- Sem roteiros prévios	Expressa a solidão e a responsabilidade do sujeito diante do nada. Não há Deus, essência ou autoridade que o salve.
Responsabilidade	Consequência lógica da liberdade: o sujeito responde por tudo o que faz, inclusive pelo mundo que constrói com seus atos.	- Absoluta e irrecusável- Inerente à liberdade- Ética do engajamento	O ser humano não pode delegar a outrem a tarefa de dar sentido à vida. Cada ato é um testemunho de sua escolha de ser.

Fonte: Adaptado com base em Sartre (2013); Penha (2001); Schmaelter (2023).

Esses conceitos fundamentais — liberdade, má-fé, angústia e responsabilidade — não apenas delineiam o cerne da filosofia de Sartre, mas também iluminam os dilemas existenciais que permeiam a condição humana. Compreender essa complexa articulação nos permite perceber que a existência é um campo aberto de escolhas, em que o sujeito não pode se esquivar da criação de si mesmo nem da aceitação das consequências de seus atos. Assim, a reflexão sobre esses elementos é imprescindível para qualquer investigação que busque apreender a liberdade como um fardo e uma potência simultâneos, atravessando a experiência cotidiana e as manifestações culturais que dela derivam.

3. CHARLES BUKOWSKI E A CONDIÇÃO POÉTICA DA EXISTÊNCIA

A presente pesquisa adota uma abordagem fenomenológico-existencial, ancorada no pensamento de Jean-Paul Sartre (1943), com o objetivo de interpretar a poética de Charles Bukowski como expressão da condição humana em sua facticidade, liberdade e contradição. A poesia de Bukowski, marcada por uma linguagem crua e cotidiana, é também profundamente



filosófica em seu substrato, oferecendo uma janela estética para os dilemas existenciais do homem contemporâneo.

Em sua obra, Bukowski explora temas como solidão, fracasso, alcoolismo, sexo e o esvaziamento da vida moderna. Sua linguagem crua e direta contrasta com a densidade existencial que emerge de seus versos, nos quais o sujeito é confrontado com a banalidade da vida e o peso de sua própria liberdade. Em sua poesia, é possível identificar um constante tensionamento entre o desejo de autenticidade e os limites impostos pela sociedade, o que aproxima sua obra da filosofia existencialista de Sartre.

A análise a seguir propõe a leitura dos poemas *Pássaro Azul* e *29 Uvas Geladas* a partir das categorias centrais do existencialismo sartreano — especialmente sobre os eixos liberdade, má-fé, angústia, absurdo e responsabilidade.

3.1 Pássaro Azul: a má-fé e o pacto com o indizível

O poema *Pássaro Azul* – Originalmente cohecido como "*Bluebird*" – de Charles Bukowski foi publicado em 1992, no livro "*The Last Night of the Earth Poems*", apenas dois antes da morte do poeta – ocorrida em 9 de março de 1994, em San Pedro, Califórnia (EUA) – período em que sua poesia se tornou mais introspectiva. Nesse texto, o eu lírico apresenta um confronto íntimo com uma dimensão de si que procura ocultar do mundo, estabelecendo um diálogo poético com a angústia e a liberdade — categorias centrais no pensamento de Jean-Paul Sartre.

A seguir, apresentamos o poema *Pássaro Azul*, em que Charles Bukowski revela, por meio de uma metáfora delicada e inquietante, o conflito entre autenticidade e repressão, expondo o drama existencial de um sujeito dividido entre o que é e o que precisa ocultar para sobreviver no mundo.

Pássaro Azul

*Há um pássaro azul em meu coração que quer sair
Mas eu sou muito duro com ele
eu digo, fique aí dentro
Eu não vou deixar ninguém ver você.
Há um pássaro azul no meu coração que quer sair para fora
Mas eu despejo uísque nele e inalo fumaça de cigarro
E as putas e os atendentes de bar e os funcionários da mercearia*



*Nunca sabem que ele está lá dentro.
Há um pássaro azul em meu coração que quer sair para fora,
Mas eu sou muito duro com ele
Eu digo, fique baixo
Você quer me bagunçar?
Você quer estragar os trabalhos?
Você quer estourar as vendas do meu livro na Europa?
Há um pássaro azul em meu peito que quer sair para fora
Mas eu sou muito esperto
Eu só deixo ele sair algumas vezes á noite
Quando todos estão dormindo.
Eu digo, eu sei que você está aí, então não fique triste.
Então eu coloco ele de volta
Mas ele está cantando pouco lá dentro
Eu não deixei ele morrer completamente e nós dormimos juntos,
Assim com nosso pacto secreto
E é bom o suficiente para fazer um homem chorar
Mas eu não choro, e você?
(Bukowski, 1992, p. 217).*

O poema Pássaro Azul apresenta de forma pungente o conflito entre autenticidade e conformação. O pássaro azul representa uma dimensão sensível, vulnerável e talvez poética da subjetividade — uma espécie de essência reprimida pelo personagem, que atua sob o signo da dureza e do controle emocional. O eu lírico estabelece com essa parte íntima de si um pacto silencioso: ele a reconhece, mas a mantém em segredo, escondida do mundo.

Do ponto de vista sartreano, esse jogo de ocultamento revela a má-fé — conceito que Sartre define como a negação ativa da liberdade, quando o sujeito se engaja em um autoengano para escapar da responsabilidade por ser quem é. Ao impedir o pássaro de sair (“eu digo, fique aí dentro”), o sujeito mantém sua persona endurecida para corresponder às expectativas sociais (“as putas e os garçons e os balconistas de mercearia nunca saberão”). A repressão dessa dimensão íntima não é fruto de ignorância, mas de uma escolha deliberada, reiterada ao longo do poema, marcada pela consciência da divisão interna. Isso explicita a condição existencial da má-fé, cuja característica não é a mentira, mas a duplicidade consciente.



A justificativa mercadológica (“você quer despencar minhas vendas de livros na Europa?”) evidencia o quanto o sujeito se molda às exigências do campo literário e da sociedade do espetáculo. A crítica aqui não é apenas existencial, mas também cultural: o artista vende uma imagem que corresponde a um tipo social — o do homem rude, bêbado e insensível — em detrimento de sua complexidade emocional. Trata-se, portanto, de um conflito entre o projeto de si (termo sartreano para o modo como a consciência se projeta no mundo) e a liberdade de ser outro, negada em nome de um papel social.

O gesto de deixar o pássaro “sair às vezes à noite” é significativo: há momentos em que a autenticidade irrompe, mesmo que em segredo. O “pacto secreto” com o pássaro azul ilustra a convivência paradoxal entre o reconhecimento da própria liberdade e o medo de assumi-la publicamente. O tom melancólico dos versos finais — “e é bom o suficiente para fazer um homem chorar / mas eu não choro, você chora?” — expressa a angústia existencial, entendida por Sartre como o sentimento que emerge quando o sujeito toma consciência de que está sozinho na tarefa de constituir seu ser.

3.2 29 Uvas Geladas: liberdade, absurdo e a recusa da má-fé

29 Uvas Geladas – no original em inglês, tem o título: “29 Frozen Grapes” – aborda a efemeridade da vida, o conflito entre juventude e velhice, e as diversas formas que as pessoas encontram para continuar, como álcool, sexo, música ou até mesmo ações simples como comer “29 uvas geladas”. O poema mistura imagens cotidianas com reflexões sobre a mentira do amor e a dureza da existência, mostrando uma visão realista e por vezes amarga da vida humana.

A seguir, apresentamos na íntegra o poema *29 Uvas Geladas*, cuja tessitura poética expressa, em tom ácido e existencial do “*velho Buko*”, o confronto entre liberdade, absurdo e a busca por sentido.

29 Uvas Geladas

O processo de aprender é tortuoso

Todos esses moinhos de vento

Toda essa transição sangrenta

Pias tampadas

Mentes de papel higiênico

A mentira do amor, aquela puta pelada

Cães com mais alma do que aqueles milionários de Pittsburgh



*Homens arruinados que achavam a graça mais eterna do que astuciosa
O processo de viver é curto demais e longo demais
Curto demais para os velhos que descobriram
Prematuro demais para os jovens que nunca descobrem
Excessivo demais para os jovens que descobrem
O processo de continuar é possível
Com ajuda de álcool ou droga ou sexo
Ou ouro ou golfe ou música sinfônica,
Ou caça de cervos ou aprender a dançar a galinha maluca
Ou ver um jogo de beisebol ou apostar num cavalo
Ou tomar 6 banhos quentes por dia
Ou insistir na ioga
Ou virar um batista ou um violinista
Ou ganhar uma massagem ou ler quadrinhos
Ou se masturbar ou comer 29 uvas geladas
Ou discutir sobre John Cage ou ir ao zoológico
Ou fumar charutos ou mostrar seu peru para garotinhas no parque
Ou ser negro e comer uma garota branca
Ou ser branco e comer garota negra
Ou passear como um cão ou alimentar um gato ou xingar aos gritos
Uma criança
Ou fazer as palavras cruzadas ou sentar no parque
Ou frequentar faculdade ou pedalar uma bicicleta ou comer espagete
Ou ir a leitura de poesia ou ler poesia em público
Ou ir ao cinema ou votar ou viajar à Índia ou
Nova York ou surrar alguém
Ou polir a prataria ou lustrar os sapatos
Ou escrever uma carta ou encerrar o carro
Ou comprar um carro novo ou um tapetinho
Ou comprar uma camisa vermelha com bolinhas brancas
Ou deixar crescer a barba rente o cabelo
Ou ficar parado na esquina suando com cara de inteligente
O processo de continuar é possível.
O processo de aprender é tortuoso*



*Todas as pessoas sem esperança e sem jamais saber
A flor silvestre é o tigre que comanda o universo
O tigre é a flor silvestre que comanda o universo
E as loucas e incomparáveis criaturas humanas com almas de barata
Que sou chamado a amar e odiar e ter um convívio,
Essas deverão verdadeiramente um dia sumir
Na força do dinossauro de sua feiura
Para que o sol não se sinta tão mal assim
Para que o mar possa expelir os navios e o óleo e a merda
Para que o céu possa se limpar da mesquinha cobiça delas
Para que a noite possa se distinguir do dia
Para que a traição possa virar o mais ínfimo dos anacronismos
Para que o amor, provável iniciador de tudo, possa ter outro início
E durar e durar e durar e durar e durar e durar
E durar e durar e durar e durar
(Bukowski, 2019, p. 90–92)*

Neste poema, Bukowski abandona o lirismo introspectivo de Pássaro Azul e adota um ritmo quase frenético, como uma enxurrada de tentativas de dar sentido à existência. A multiplicidade de ações listadas — do sexo ao suicídio, da arte ao consumo — configura o que Sartre nomearia como estratégias de evasão diante do absurdo da existência. O eu lírico parece listar as infinitas possibilidades de exercício da liberdade, muitas das quais triviais ou autodestrutivas. Tal proliferação remete à ausência de fundamentos externos que dêem sentido à existência humana: não há essência anterior à existência, e, por isso, cabe ao sujeito o fardo de escolher constantemente.

A estrutura do poema revela uma consciência angustiada do vazio — o que Sartre define como a náusea perante a liberdade radical. Contudo, diferentemente da atitude de má-fé evidenciada em Pássaro Azul, aqui o eu lírico parece encarar o absurdo de frente. Ao afirmar que “o processo de continuar é possível”, mesmo que através de escolhas banais ou grotescas, o poema assume a liberdade como destino inevitável. Não se trata mais de negar a liberdade, mas de lidar com suas consequências. A repetição enfática do verso “e durar / e durar / e durar...” é ambígua: pode tanto expressar a esperança quanto à exaustão diante da perpetuação da existência sem fundamentos.



A metáfora final — “comer 29 uvas geladas e morrer de alma de barata” — condensa a crítica à banalização da vida: uma morte interior provocada pela fuga da responsabilidade de atribuir sentido à própria existência. A “alma de barata” sugere uma degradação moral e existencial, marcada por uma vida sem autenticidade. Neste ponto, o poema aponta para a responsabilidade existencial, categoria central do pensamento sartreano: não há como escapar da liberdade, e recusar o engajamento na construção de sentido é, por si só, uma escolha — muitas vezes desumanizadora.

3.3 Poética do desamparo e ética da autenticidade

Os dois poemas analisados revelam sujeitos à deriva em um mundo desprovido de transcendência. A poesia de Bukowski, ao contrário de oferecer respostas, convida à reflexão sobre os modos de ser-no-mundo. Olhados sob a lente do existencialismo, especialmente a angústia, a má-fé, o absurdo e a liberdade não são conceitos abstratos, mas vivências concretas que atravessam os sujeitos em sua cotidianidade.

Em *Pássaro Azul*, o sujeito esconde sua autenticidade por medo do julgamento alheio, revelando a má-fé como um mecanismo de defesa existencial. Em *29 Uvas Geladas*, a multiplicidade de possibilidades esvaziadas de sentido explicita o confronto com o absurdo, mas também a persistência do desejo por algo mais: a possibilidade de um novo início — do amor, da arte, da vida.

Ambos os poemas revelam a condição humana como projeto inacabado e instável, reiterando o princípio sartreano de que “o homem é aquilo que faz de si mesmo”. A poesia, nesse contexto, não é fuga, mas campo de enfrentamento: lugar onde a linguagem tenta apreender a liberdade, ainda que por meio de imagens frágeis e provisórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, cujo objetivo foi analisar os poemas *Pássaro Azul* (1992) e *29 Uvas Geladas* (1994), de Charles Bukowski, à luz da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, a adoção de uma abordagem qualitativa orientada pelo método fenomenológico revelou-se fundamental. A leitura fenomenológica nos permitiu uma aproximação sensível com a experiência subjetiva expressa nos textos poéticos, valorizando as formas como o cotidiano, o sofrimento, a marginalidade e o desencanto são vividos e significados pelo sujeito poético. Assim, foi possível refletir sobre como a experiência poética de Bukowski explicita dimensões centrais do pensamento sartreano, em especial os conceitos de liberdade, má-fé, angústia e



responsabilidade, situando-os no âmbito da existência concreta e singular.

A análise dos poemas demonstrou que, mesmo através de uma linguagem marcada pela crueza, pelo sarcasmo e por uma estética da marginalidade, Bukowski mobiliza elementos fundamentais da ontologia existencialista, expondo com intensidade o conflito entre autenticidade e conformismo, entre o projeto de si e a facticidade da vida ordinária. A partir da leitura fenomenológico-existencial, foi possível identificar nos poemas o movimento dialético do sujeito entre o ser que é e o ser que deseja ser, demonstrando como a consciência de si está atravessada por escolhas, ausências, tensões internas e repressões sociais. Bukowski revela, com uma lucidez poética singular, o drama da liberdade humana tal como concebido por Sartre, recusando subterfúgios metafísicos ou narrativas conciliadoras, e apresentando a existência em sua precariedade e potência.

É importante pontuar a contribuição deste estudo, que não reside apenas na análise das obras escolhidas, mas na abertura que ele promove para um diálogo entre os domínios da arte e da filosofia. O encontro entre Sartre e Bukowski, embora indireto e anacrônico, é profundamente significativo: ambos confrontam o leitor com a tarefa de existir de moto autêntico, recusando-se a apaziguar o absurdo com dogmas ou alienações. A literatura torna-se, assim, lugar de denúncia e possibilidade, de resistência à normatividade e da reinvenção subjetiva.

Por fim, esperamos que este artigo contribua para o fortalecimento do diálogo entre filosofia e literatura, demonstrando como os versos de Bukowski constituem uma expressão relevante da condição humana pensada pelo existencialismo sartreano. Ao promover essa interlocução interdisciplinar, reforçamos o papel da leitura filosófica e da arte literária como vias privilegiadas para a compreensão ampliada da subjetividade e da experiência social contemporânea.

O percurso aqui traçado abre também caminhos fecundos para pesquisas futuras que explorem a articulação entre existência cotidiana e grandes temas filosóficos, por meio da literatura, do cinema, das artes em geral e das múltiplas experiências que atravessam o nosso tempo. Em um cenário de crise de sentido e de proliferação de identidades performáticas, a filosofia de Sartre e a poética marginal de Bukowski permanecem como ferramentas críticas essenciais para refletirmos, de modo radical, sobre o que ainda significa ser humano.

REFERÊNCIAS



ARAÚJO, J. R. de. **Charles Bukowski e o existencialismo**: uma aproximação. Problemata – Revista Internacional de Filosofia, João Pessoa, v. X, n. Y, p. ZZ–WW, ano. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/28570/16675>.

BUKOWSKI, Charles. **O amor é um cão dos diabos**. Porto Alegre: L&PM, 1992.

BUKOWSKI, Charles. **Tempestade para os Vivos e para os Mortos**: Poemas inéditos e dispersos.; tradução Rodrigo Breuning.; editado por Abel Debritto. – 1. Ed. – Porto Alegre (RS): L&PM, 2019.

BUKOWSKI, Charles. **The last night of the earth poems**. Nova York: HarperCollins, 1994.

CARRASCO, Bruno. **Cronologia do Existencialismo e da Fenomenologia**. Ex-isto, 09 set. 2020. Disponível em: <<https://www.ex-isto.com/2020/09/cronologia-existencialismo-fenomenologia.html>>. Acesso em: 28 set. 2020.

CARRASCO, Bruno. **Cronologia do Existencialismo e da Fenomenologia**. Ex-isto, 09 set. 2020. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2020/09/cronologia-existencialismo-fenomenologia.html>. Acesso em: 28 set. 2020.

Filipe; FERREIRA, Carla Alexandra. **A rebeldia de Chinaski como negação ao sonho americano**: identificando contracultura através do protagonista de Cartas na Rua de Charles Bukowski. Disponível em: <<https://www.assis.unesp.br/...>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

PENHA, Edson. **Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2001.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PEREIRA, Everli Fernanda; MELLO, Tamyrís Villela. **O homem e a angústia existencial em Jean-Paul Sartre**. Garça, SP: Faculdade de Ciências da Saúde FASU/ACEG, [s.d.]. Disponível em: https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/87BLW0hYmfXo34t_2013-5-13-16-3-56.pdf. Acesso em: 12 jun. 2025.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1987.

SCHMAELTER, João Pedro. **Existencialismo**: Sartre e a responsabilidade da liberdade. In: Café Filosófico, 2023.

SCHMAELTER, Matheus Maia. **Existencialismo**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/existencialismo>. Acesso em 24 de mar. 2023.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. **A concepção de liberdade em Sartre**. Filogênese, Marília, v. 6, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.